

E UMA ROSA SE ABRE

a guerra e a flor na poesia de Drummond

AND A ROSE BLOOMS: WAR AND THE FLOWER IN DRUMMOND'S POETRY

Ivana Ferrante Rebello*

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

Valéria Daiane Soares Rodrigues**

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

RESUMO

Carlos Drummond de Andrade, em *A rosa do povo*, articula, por meio da palavra e da criação de um eu lírico habitante de um mundo em guerra, a construção de uma imagem, imbuída de teor histórico, do Brasil dos anos finais da Segunda Guerra Mundial. Os versos traduzem a experiência do Drummond *gauche*, angustiado pelos problemas do seu tempo, em que a individualidade advinda da fragmentação do homem moderno é marca do conflito entre o eu lírico e o mundo. O poeta descreve de forma melancólica a degeneração das coisas e dos homens, em meio à consciência paralisante e à falta de perspectivas. A força que emerge do símbolo da rosa respalda o acento poético do itabirano: a destruição dos valores provocados pela morte e pelo derramar de sangue contrasta com o brotar da flor no asfalto. Do chão forrado de cadáveres, emerge uma rosa, numa representação da resistência humana.

PALAVRAS-CHAVE

A rosa do povo, guerra, flor, Carlos Drummond de Andrade

INTRODUÇÃO

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralise os negócios,
garanto que uma flor nasceu.¹

* ivanaferrante@hotmail.com

** dairodriguessoares@yahoo.com.br

¹ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 15.

Os versos em destaque compõem a abertura do poema “A flor e a náusea”, integrante de *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, e são versos que gritam, na folha em branco, o atordoamento do poeta ante o nascimento de uma flor em meio ao caos da cidade grande. Flor e náusea são signos que reproduzem, em diferentes perspectivas, o desalento do homem face à dissolução do mundo no tempo de guerra e a desbotada esperança de uma nova ordem social, diante do medo que impera.

A rosa do povo é considerada pela crítica especializada uma das melhores obras do poeta Carlos Drummond de Andrade, contendo textos escritos entre 1943 e 1945. Constituído de 55 poemas, é também o livro mais extenso do poeta, além de ser, incontestavelmente, a obra que melhor condensa seu lirismo social. Tal lirismo, sempre comedido, tímido, cerebralmente sopesado, será bastante evidente nos versos de “Carrego Comigo”, “Movimento da Espada”, “O Medo”, “A Flor e a Náusea”, “Nosso Tempo”, “Áporo”, “Noite na Repartição”, “Visão 1944” e “Telegrama de Moscou”. Embora ali encontremos várias facetas da poesia drummondiana, o que se destaca é o forte acento social que ele imprime em seus versos, em cujas linhas se delineiam as sombras da Segunda Guerra Mundial e o cenário de horror e angústia que se projeta no mundo em crise.

Sob a perspectiva do contexto histórico, e considerando a realidade brasileira, os versos de Drummond situam-se num ambiente político bastante conflituoso, regido pela ditadura de Getúlio Vargas que então vigorava no Brasil. O Estado Novo, nome por que ficaria conhecido o governo getulista, refletia uma atmosfera policialesca e autoritária, cujos efeitos pareciam ampliar o medo, a insegurança e a ausência de perspectivas que a quase totalidade dos versos de *A rosa do povo* evidenciam.

Destaque-se que Getúlio Vargas assume o poder em 1930, período marcado por crise econômica mundial decorrente da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, em 1929. Nesse período, a economia brasileira era sustentada pela comercialização do café. Com a crise mundial, houve redução na exportação do produto, o que comprometeu de forma impactante a economia nacional e, conseqüentemente, as estruturas sociais brasileiras, uma vez que a oligarquia cafeeira teve o poder abalado pela ascensão da classe burguesa.

Segundo Fausto,² a crise impôs a adoção de medidas que visavam conter a instabilidade. No plano econômico, o governo teria que encontrar um destino para as sacas de café estocadas além de planejar como se daria a produção nos anos posteriores. No plano financeiro, a preocupação girava no sentido de controlar a crise interna e o problema da dívida externa, que impedia o país de contrair novos empréstimos. Esses desdobramentos econômicos influenciaram de forma significativa o campo social brasileiro, até o final da Segunda Guerra, em 1945, e explicam, sob outra perspectiva, o impacto das medidas adotadas por Vargas em seu governo. Tal é o panorama de instabilidade, crise e medo que se alinhava nos interstícios dos versos de *A rosa do povo*, conforme observa Ginzburg:

A leitura de *A rosa do povo* [...] leva à observação de que o livro traz em si um diálogo crítico com a violência e a repressão de seu tempo. No contexto brasileiro, a referência é o autoritarismo do Estado Novo. Em um âmbito mais amplo, está presente o impacto da 2ª guerra mundial.³

² FAUSTO. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*.

³ GINZBURG. Uma hipótese de ligação entre Carlos Drummond de Andrade e a poesia brasileira contemporânea: “a Vida menor”, p. 110.

Desde o início da Segunda Guerra Mundial, a ideologia do Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas, apontava para um provável alinhamento do Brasil com os países do Pacto de Aço – Alemanha e Itália. A ditadura implantada por Vargas, em 1937, apoiava-se em uma Constituição centralizadora e autoritária, que guardava muitos pontos em comum com as ditaduras fascistas. O governo Vargas fechou o Congresso, impôs a censura à imprensa, prendeu líderes políticos e sindicais e colocou interventores nos governos estaduais. Com um estilo populista, Getúlio Vargas montou um poderoso esquema de propaganda pessoal ao criar o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), claramente inspirado no aparelho nazista de propaganda idealizado por Joseph Goebbels. “A Hora do Brasil”, introduzida nas rádios brasileiras, e chamada ironicamente pela intelectualidade de “Fala Sozinho”, mostrava os feitos do governo, escondendo a repressão política praticada contra uma sociedade pouco organizada na época. Entretanto, Vargas criou o salário mínimo e instituiu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), entre outros benefícios sociais, o que o levou a ser aclamado como “pai dos pobres” pela população de baixa renda. Havia, pois, uma confusa mistura de tendências nazi-fascistas e populistas que ressoava no Brasil como efeito político direto da guerra que dizimava a Europa e impingia ao povo uma sensação de desamparo e insegurança.

Em *A rosa do povo* tais contingências se fazem sentir por meio de uma permanente tensão entre a participação política (muito comedida em Drummond), a adesão às ideias esquerdistas, de um lado, e o tom desencantado, do outro. Em mais da metade dos poemas do livro lê-se uma angústia persistente, que se apega ao engajamento e ao compromisso com a humanidade. Neles se encontram refletidas a culpa e a responsabilidade moral, o registro de uma ordem política injusta, a progressão de um estado de náusea para uma mudança de perspectivas e a esperança de uma nova ordem política. Tais características podem, de certa forma, ilustrar o paradoxo do intelectual com tendências esquerdistas que também servia ao governo.

Como se sabe, Drummond foi chefe de gabinete do ministro da Educação, Gustavo Capanema, de 1934 a 1945, o que compreende o período de duração de toda a Segunda Guerra Mundial. Segundo ele próprio, era funcionário público para seu sustento, cronista por obrigação e poeta por vocação. Somente em 1945, findada a guerra, é que o poeta desliga-se da função no Ministério da Educação e vive breve experiência no Partido Comunista, embora a ele nunca tenha se filiado, de fato. A pedido de Luís Carlos Prestes, Drummond atua como codiretor de um jornal comunista, do qual logo se desliga, por discordar da orientação do jornal. Em *A rosa do povo*, todas essas contradições parecem somar-se, revelando a tensão permanente do homem no mundo, que o leva a abrir-se a uma solidariedade entre dolorosa e impotente, conforme destaca Antonio Candido, ao considerar a função redentora da poesia, que

[...] associada a uma concepção socialista, ocorre em sua obra a partir de 1935 e avulta a partir de 1942, como participação e empenho político. Era um tempo da luta contra o fascismo, da guerra da Espanha e, a seguir, da guerra mundial - conjunto de circunstâncias que favoreceram em todo o mundo o incremento da literatura participante.⁴

⁴ CANDIDO. *Vários Escritos*, p. 125.

Os versos do livro deram corpo a um temário peculiar que, de certa forma, constituirá parte integrante da assinatura poética do *gauche*: uma angústia recorrente, relativa à eficácia e legitimidade do próprio fazer poético; a fixação de um estado de incomunicabilidade entre o “eu” e “os outros”; a apreensão do tempo como retrato transitório e melancólico da degeneração das coisas e do homem; a consciência paralisante dos efeitos da guerra e da ausência de perspectivas no mundo.

Silviano Santiago também situa a obra do poeta de Itabira em meio aos acontecimentos do século XX, afirmando que

o olhar de Drummond acompanha a história que desenha o século 20 como um todo. É no campo de ação comprimido pela guerra sanguinolenta e justa contra as forças nazifascistas, é em cima da chacina e dos cadáveres, é ali na Europa Soviética, que o poeta constrói a esperança, daí a recorrência nos seus poemas das metáforas da *noite* para a tragédia universal e da *aurora* para uma nova ordem mundial que, por sua vez, anuncia a almejada utopia.⁵

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é permeada pela descrição de acontecimentos trágicos, exemplificados, muitas vezes, por expressões que denunciam a fragmentação do próprio corpo humano: “*tempo de gente cortada. De mãos viajando sem braços, obscenos gestos avulsos*”.⁶ Em contrapartida, conforme ressalta Santiago, o poeta centra suas esperanças de redenção nos homens e na crença do estabelecimento de uma nova ordem mundial, que poderia vir de outra organização política ou de uma consciência coletiva igualitária.

Os versos que compõem a poética de Drummond, sensíveis ao movimento da História, denotam um mundo em suspenso, em que o homem sempre se procura e o eu lírico sente as dores do mundo solitariamente. Daí advém a calma de sua tristeza, onde abandono e comunhão convivem.

Carlos Augusto Carneiro Costa trata dos sentidos de resistência e utopia relacionados à temática da guerra em *A rosa do povo*, enfocando, principalmente os poemas “Telegrama de Moscou”, “Cidade Prevista” e “Lembrança do Mundo Antigo”. Segundo o autor

[...] somos convictos de que não estamos diante de um poeta que viveu diretamente os horrores desse acontecimento [...]. Por esse motivo, muitos de seus poemas escritos nesse contexto são caracterizados por uma linguagem que contém em si elementos próprios dos traumas resultantes de suas experiências. No caso de Drummond, a experiência de guerra não foi vivida de perto, tampouco o poeta se armou com armas de fogo para combater no *front* e daí encontrar inspiração para criar seus poemas.⁷

Apesar de Drummond não ter vivenciado de forma empírica os efeitos da guerra, o poeta articulou seus conhecimentos para oferecer ao leitor uma imagem do tempo de guerra. Metaforicamente o poeta esteve presente na cena de guerra, acompanhando seus acontecimentos e desdobramentos por meio dos jornais, traduzindo em palavras seus medos e suas batalhas interiores.

⁵ SANTIAGO. *Ora (dizeis) puxar conversa!*, p. 47-48.

⁶ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 39.

⁷ COSTA; GUINSBURG. Resistência e Utopia: os rumores do mundo em guerra na poesia de Carlos Drummond de Andrade, p. 5.

Nesse sentido, destaque-se o poema “Carta a Stalingrado”, em que a voz poética se dirige aos resistentes, e a si mesmo, tentando se convencer da possibilidade de renovação e da capacidade de sobrevivência da poesia, mas em que, também, se lê um manifesto que exorta o outro – como a ele próprio – a sair da escuridão pela crença de um mundo renovado.

Em “Carta a Stalingrado” configura-se a luta travada entre a tradição, com a qual, afinal, o poeta dialoga, e o novo, que, em muitos momentos da sua poética, parece debater-se entre uma desconfiança do lirismo, que é particular, e uma procura angustiada do tom e da palavra certa, na qual possa projetar seu sentimento de mundo, que é da ordem do social. Embora mantenha um tom de apelo coletivo, evidente nos verbos no imperativo, o poema-carta deixa entrever a inescapável solidão individual, que, de resto, frequenta todos os seus textos e que se pode ler nos versos: “dá um enorme alento à alma desesperada/ e ao coração que duvida”.⁸ As contradições presentes no plano do discurso ostentam esse embate do sujeito lírico, que se divide entre um eu em desalento, que confessa sua “alma desesperada” e seu “coração que duvida”, e um mundo que precisa ser reconstruído, depois da guerra e da morte.

Além da “Carta”, Drummond, em *A rosa do povo*, envia um “Telegrama a Moscou”, onde se lê a ideia da reconstrução da cidade. A utilização do verbo “reconstruiremos”, na primeira estrofe do poema, representa a efetiva participação do poeta nesse processo utópico de reconstrução. No entanto, em meio à possibilidade de renovação, destacam-se os destroços da guerra na cidade da Rússia:

Sobraram apenas algumas árvores
com cicatrizes, como soldados.
A neve baixou, cobrindo as feridas.
O vento varreu a dura lembrança.
Mas o assombro, a fábula
gravam no ar o fantasma da antiga cidade
que penetrará o corpo da nova.
Aqui se chamava
e se chamará para sempre Stalingrado.
– Stalingrado: o tempo responde.⁹

Cicatrizes e feridas emergem do corpo do poema, querendo fixar a “dura lembrança”, a “fábula” da guerra, pois a voz poética dirige-se ao homem sobrevivente, que parece ter direito a uma segunda chance. Nas palavras sobressaem a tristeza e a contenção e uma espécie de culpa assimilada acerca da sua fraca reação ante os fatos.

Sérgio Milliet, ao analisar a trajetória do escritor mineiro, percebe em *A rosa do povo* uma suspensão do elemento irônico – presente nos primeiros livros de Drummond – em favor de um esforço que põe “a nu a tristeza de uma solidão irremediável”¹⁰ de um sujeito lírico que se volta para um tempo marcado pelas agruras da guerra. Os versos que se destacam do poema “A Flor e a Náusea”, escritos no apogeu da Segunda Guerra

⁸ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 159.

⁹ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 161.

¹⁰ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 19.

Mundial, traduzem o imbricado entre a apreensão filosófica do mundo e os fatos e coisas que circundam o poeta:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjoo?
Posso, sem armas, revoltar-me?¹¹

O aprisionamento que o primeiro verso sublinha muito revela do intelectual, premido pelas contingências do ofício e da classe, que se debate contra a consciência do poeta. A justaposição do par sonoro “melancolias e mercadorias” condensa o abstrato ao concreto, o sublime ao circunstancial, exalando numa náusea expressiva, derivada do mal estar físico que a visão da rua provoca no eu lírico. O poeta vestido de branco anda pela rua, mas a ela não se integra, como um eu “todo retorcido” na trivialidade cinzenta da cidade.

Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.¹²

Para o eu lírico, o “tempo de fezes” ilustra o mundo feio e repulsivo que emerge da guerra e da ditadura, de que não escapa sequer o poeta, com seus “olhos sujos” e seus “maus poemas”. A consciência da inutilidade das palavras e de seu poder de representação desemboca numa ideia de esboroamento que também é culpa e dúvida na lírica drummondiana, conforme declaram os versos: “Em vão me tento explicar, os muros são surdos. Sob a pele das palavras há cifras e códigos”.¹³ Em meio à degradação que ronda a sociedade, nasce, entretanto, uma flor no asfalto. Aliada à imagem redentora da aurora, comum na poesia do poeta de Itabira, conforme ressalta Silviano Santiago, a flor destaca-se, em sua fragilidade e desbotada beleza, no mundo corrompido da guerra:

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.¹⁴

¹¹ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 161.

¹² ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 27.

¹³ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 27.

¹⁴ ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 28.

Os versos, antes dedicados ao horror e à morte, gritam o advento inesperado da flor. A flor é o signo feio e frágil que poderá conduzir à quebra do tédio, do nojo e do ódio, presentes desde o início do poema. Seu nascimento opõe-se ao irrefreado estado de progresso, à supressão da liberdade configurada na imagem da “polícia”, representando a experiência individual de ver nascer uma flor aliada ao sentimento universal da esperança. Esse conjugar de sentimentos, materializados em sentimento de culpa e crença, associado à análise de fatores políticos e sociais, traduz o desejo do poeta em recriar o mundo. Sobre o assunto, Antonio Candido afirma que, na obra de Drummond, “o desejo de transformar o mundo, pois, é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo”.¹⁵ Tal processo, chamado pelo crítico de “redenção simultânea”, explica o sucesso da poesia social de Drummond que parte da experiência pessoal para tratar do social, atingindo, por ricochete, a sensibilidade do leitor.

Se considerarmos que existe uma relação entre forma, conteúdo e contexto social, pode-se dizer que na lírica do poeta Carlos Drummond de Andrade encontram-se indicações de uma consciência sensível acerca da lógica perversa que subsiste no mundo em guerra. Nela se lê as facetas de uma modernidade em agonia, em que a violência tem papel constitutivo e onde velhos valores são destruídos. Drummond subtrai desse caos aquele caráter essencialmente paradoxal que é uma das características de sua poesia: a ideia de que a modernidade está atrelada à destruição, daí a atitude melancólica diante da possibilidade de subverter o processo e transformar as coisas.

No poema “A Flor e a Náusea”, o sujeito evidencia sua crise: “Devo seguir até o enjoo? Posso, sem armas, revoltar-me?” As dúvidas reproduzem mais que uma busca de identidade, mas uma oscilação entre o “eu” e o “mundo”, que faz elidir as melancolias às mercadorias.

A náusea drummondiana aproxima-se, em certa medida, da obra mais conhecida de Jean Paul Sartre, *A Náusea*, publicada em 1938. No livro, o personagem Antoine Roquentin, um historiador letrado e viajado que chega à cidade de Bouville. O nome da cidade – “boul” indicando “lama” e metaforicamente “impureza” – aproxima-se à cidade entrevista na lírica de Drummond, corrompida e suja pela guerra. Antoine logo se desencanta de forma irreversível com a sociedade e as condições humanas com as quais se depara em Bouville. Tal personagem é, então, acometido por uma estranha sensação de aversão ao ser humano e sua condição existencial – a “náusea”.

Cercada de um niilismo exacerbado e elucubrações de alta profundidade intelectual, *A Náusea* evidencia um protagonista deslocado, repelido pelas contestações que faz a respeito da existência e da falta de sentido da vida. O sujeito lírico que emerge dos versos do poeta de Itabira evoca esse estado de desencanto e paralisia face ao que se depreende do mundo e seu horror bélico. A náusea que se subtrai do conceito existencialista de Sartre, em uma fusão com a dialética de Drummond, pode ser explicitada na polaridade dever-poder: dever seguir até o enjoo e poder revoltar-se. A impossibilidade da revolta (“Posso, sem armas, revoltar-me?”) faz com que o eu lírico

¹⁵ CANDIDO. *Vários Escritos*, p. 127.

procure na frágil flor que rompeu o asfalto um alento ao seu mal-estar: “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”.

A força que emerge dessa pequena flor encontra acento na poética que nasce do mundo caduco e ulcerado. São duas forças antagônicas que se representam: a decomposição dos valores gerados pela morte e pelo sangue e a lírica da flor, que tenta encontrar uma parcela de luta e alento sob os destroços de guerra. Enquanto os jornais noticiam as barbáries e os crimes contra a humanidade, a poesia, como flor inesperada, irrompe do chão calcinado em sua tentativa de resistência.



ABSTRACT

In *A Rosa do Povo*, Carlos Drummond de Andrade creates, through words and through the conception of a poetic speaker inhabitant of a world at war, an image filled with historical content of Brazil's World War II final years. The verses translate the experience of gauche Drummond, distressed by the problems of his time, in which individuality arising from the fragmentation of modern men is the sign of conflict between the poetic speaker and the world. The poet melancholically describes the degeneration of things and men, through the benumbing awareness and lack of prospects. The strength that emerges from the symbolic rose supports the Itabirano's poetic accent: the destruction of values caused by death and bloodshed contrasts with the flower blooming in the asphalt. From the ground covered with corpses emerges a rose, a representation of the human resistance.

KEYWORDS

A rosa do povo, war, flower, Carlos Drummond de Andrade

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo* [1945]. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSTA, Carlos Augusto Carneiro; GUINSBURG, Jaime. Resistência e Utopia: os rumores do mundo em guerra na poesia de Carlos Drummond de Andrade. *Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais*. Assis, v. 2, n. 2, nov. 2008 - abr. 2009. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/cilbelc/triceversa/publicacao/ed4/carlos_augusto_carneiro_costa.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Uma hipótese de ligação entre Carlos Drummond de Andrade e a poesia brasileira contemporânea: “a Vida menor”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 29, p. 109-126, 2007.
- SANTIAGO, Silvano. *Ora (dizeis) puxar conversa!* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.